

A relação da literatura *Beatnik* com a música de Contracultura

Sávio Augusto Lopes da Silva Júnior*

RESUMO: Este trabalho pretende analisar a relação da literatura *beatnik*, movimento literário de contracultura que se destacou nos anos 50, com o universo da música também de contracultura e alternativa, principalmente o Jazz e o Rock. Dessa forma, serão destacadas a influência que os poetas *Beat* receberam da música, assim como as marcas que deixaram para as gerações posteriores.

Palavras-Chave: Literatura; Beat; Contracultura.

ABSTRACT: This paper means to analyse the relation between the beatnik literature, counterculture movement from the fifties, and the alternative and also counterculture music universe, mainly the Jazz and the Rock. It will be highlighted the influence that the Beat received from music and also what they left for the next generation.

Keywords: Literature; Beat; Counterculture.

* Graduando em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa

1. Introdução

O termo Geração Beat refere-se à um grupo de poetas, de maioria norte-americanos, que durante os anos 50 produziram uma forma de literatura irreverente e inovadora. A partir de uma linguagem informal e sem pausas, relatou seu estilo de vida que influenciou grande parte dos jovens da época. Desde então, houveram mudanças no comportamento dos jovens e na forma em que a sociedade os vê. Foi a partir desse momento em que os jovens começaram a ser vistos como rebeldes e a querer criar o seu próprio universo cultural. Toda essa revolução deve-se a uma conjuntura vivida pela sociedade pós-guerra, a qual será abordada mais adiante.

On the Road, de Jack Kerouac, é uma obra acusada de causar fuga de casa em massa por parte de adolescentes insatisfeitos com o tradicionalismo doméstico. Muitos deles acabaram por adotar um estilo de vida alternativo que trouxe grande acréscimo à cultura e à música que conhecemos hoje.

Antes mesmo de influenciar a música, o movimento *Beat* já era influenciado por ela. Com fortes marcas do *Jazz Bebop*, a escrita *Beat* possui ritmo e é repleta de referências à artistas como Miles Davis, principalmente quando se trata do autor Jack Kerouac. Todo o despojamento e enviesamento narrativo dessa geração possui muita importância histórica, visto que trata-se de um posicionamento contra o *American Way Of Life* vivido na sociedade americana pós Segunda Guerra Mundial.

O posicionamento de resistência tornou a geração um símbolo para a contracultura, que veio a servir de referência para diversos movimentos culturais e musicais nas décadas seguintes, desde os *Hippies*, dos anos 60, até o *Indie*, dos dias atuais. Vários adolescentes que posteriormente se tornaram astros do Rock e do Pop foram influenciados ao ler obras desse movimento, entre eles está Bob Dylan, Mick Jagger, Joni Mitchell, Patti Smith, entre outros.

Difícil imaginar a obra de Sam Shepard, de Bob Dylan, de Charles Bukowski, de Jim Morrison, de Lou Reed, de Tom Wolfe, de Bret Easton Ellis, de Joni Mitchell, de Wim Wenders, de Hunter Thompson, de Neil Young, de Jim Jarmush, de Jay Maclnerney, de Beck, de Bono, de Tom Waits, de Gus Van Sant (...). Todos eles pagam tributo à franqueza fluídica e generosa do católico louco e místico que viu a luz nos trilhos e trilhas da América. (BUENO, 2004, p.17).

No campo musical, o movimento foi inspiração para diversos músicos, que, inclusive, fez com que adotassem um modo de vida que fosse refletido em seus estilos musicais. O *Folk*, o *Rock'n'Roll* e diversas outras manifestações musicais de protesto dificilmente teriam a mesma forma caso não existisse o *beat*.

Willer (2009) relata que a denominação dessa geração foi feita por Kerouac em uma de suas conversas com Allen Ginsberg. Segundo ele, há quatro referências e diferentes significados na língua inglesa. Um dos significados de “beat” em inglês é batida e o motivo do movimento literário receber esse nome é por possuir o ritmo do jazz. Outro significado da palavra “beat” é abatido, assim como grande parte dos jovens que viveram aquele contexto histórico. A terceira referência é ao termo “beato”, já que os poetas entram diversas vezes em seus textos em discussões relativas à religião e à existência. Por último, a variação “beatnik” foi criada pela mídia ao comparar o fenômeno cultural com o satélite *sputnik*, por proliferar uma ideologia para uma massa de adolescentes de forma tão rápida e ampla, assim como um satélite.

Nessa análise, observaremos a forma como a música alternativa se apropriou e foi influenciada por esses quatro sentidos que conceituam basicamente a literatura *beatnik*. Para tanto, utilizaremos como referência os estudos acerca do movimento beat, como *Geração Beat*, de Claudio Willer; estudos históricos, como *Era dos Extremos*, de Eric Hobsbawm; e textos compostos pelos próprios poetas *beat*, como *Uivo* de Allen Ginsberg e *Os Subterrâneos*, de Jack Kerouac.

2. A Geração Beat

A Cultura *Beat* é considerada por muitos como um dos primórdios da contracultura, não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. Como propulsores do movimento *hippie*, os *beatniks* eram vistos como jovens irreverentes que possuíam um padrão de vida considerado fora do comum. Entre eles, havia o abuso de drogas, uma vida sexual considerada imprópria e a idolatria de artistas do Jazz.

Segundo Bueno e Góes (1984) uma das principais características dessa geração é o fato de estar sempre em movimento, passando por poesias e estradas, bares cafés, drogas e festas. Havia, segundo os autores, uma grande interação com a comunidade, não se limitando em ser um grupo de intelectuais que criaram uma estética literária repleta de idealismo em torno de um conforto acadêmico.

Entre os autores desse movimento, se destacam Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Neal Cassady, William Burroughs e Carl Solomon. Jack Kerouac é o autor de um dos grandes símbolos dessa cultura, o livro *On the Road*. Lançado em 1957, a obra relata a viagem de Sal Paradise (codinome do próprio autor) e Dean Moriarty (codinome do poeta Neal Cassady)

pela famosa rota 66, nos Estados Unidos. A irreverência da obra atingiu milhares de jovens na década de 50, causando muita polêmica e fazendo com que vários jovens saíssem de casa e buscassem seus sonhos na estrada, assim como os personagens. Entre eles está o cantor Bob Dylan, que em seu livro *Chronicles Volume One* (2004) cita: “*I still loved the breathless, dynamic bop poetry phrases that flowed from Jack's pen*” (p.57).

Segundo Hobsbawm (1995), o contexto vivido pela geração trata-se de uma época de ouro, na qual grande parte da população estava elevando suas condições financeiras e, assim, aumentando seu poder de consumo. Vivia-se o denominado *American Way Of Life*, o qual se baseava na realização através do consumo e do tradicionalismo familiar. Aqueles que viveram a Segunda Guerra Mundial possuíam lembranças de condições precárias, portanto aquele momento de ouro e da política do *Welfare State* parecia gratificante. A sociedade americana mantinha uma aparência feliz e saudável, com exceção dos jovens que ansiavam por uma fuga do tradicionalismo e não se contentavam com as atitudes políticas do país. Dessa forma, surge um dos primórdios da contracultura, a juventude enfrentando a mídia, a família, a política e a religião conservadora, conjunto que chamavam de *establishment* (instituição).

Uma das características da obra de Jack Kerouac é a sua relação íntima com os excluídos e marginalizados da sociedade americana. O convívio com eles foi o que resultou no que autores denominam da *Beat Subterrânea* (WILLER, 2009). O fato de ter retratado esse convívio em suas obras prova a importância histórica da literatura *Beatnik* e como ela pode ser vista como uma autobiografia do submundo americano dos anos 50. Bueno e Góes (1984) relatam que é característico de Kerouac manter relação e descrever o cotidiano de estrangeiros e seus descendentes, com os estranhos ou marginalizados, mexicanos ilegais, negros (inclusive jazzistas que cultuou) e negras. Ao retratar o submundo dos Estados Unidos e a vida underground que era desconhecida para muitos americanos, atiçou a curiosidade dos jovens em conhecer o mundo e participar de fato dele.

3. A batida do Jazz

A literatura *beatnik* tem muitas características peculiares. A irreverência de seus hábitos está presente até mesmo na sua forma de escrita. Principalmente em textos de Kerouac, a narração geralmente é contínua, poucos pontos e vírgulas, parágrafos menos ainda. A divisão por capítulos em muitas obras praticamente não existe.

Como citado anteriormente, um dos motivos que leva o movimento literário a receber

o nome de *beat* é a relação com a batida do jazz. Para o poeta *beat* a datilografia parece ser limitada, que tenta através da escrita emitir sons. A escrita desenfreada somada à sonoridade rítmica provocada pelas palavras traz ao texto um ritmo peculiar.

Como exemplo, em *Os Subterrâneos*, a página 80 a 86 é composta de somente um parágrafo. Segundo relatos, a obra inteira de *Os Subterrâneos* foi escrita em três dias e três noites. Com isso, o autor desconsidera as pausas, retratando o fôlego alucinante com o qual o romance foi escrito. Esse ritmo desenfreado tornou-se característico da literatura *beat*, o que é um reflexo não só de um estilo literário, mas de um estilo de vida igualmente ilimitado.

É possível notar em muitos trechos de *Os Subterrâneos* o delírio do autor ao escrever, pois ele foge da narração e entra em uma descrição de seus pensamentos íntimos e entorpecidos.

(...) também o súbito êxtase de cerveja quando visões de grandes palavras em ordem rítmica tudo num único livro arcanjo avassalam meu cérebro, aí eu fico deitado no escuro vendo ouvindo também o jargão dos mundos futuros – damajehe eleout ekeke dhdkdk dldoud, -d, ekeoeu dhdhdkehgyt – melhor não um mais que Ither ehe o macmurphy daquele djardint que cujo estranhamente há de mdodudltdkip – baseeatra – exemplos fracos devido às necessidades mecânicas da datilografia, do fluxo dos sons fluviais, palavras, escuridão, levando ao futuro e explosões de minha mente que abençoada ou desabençoada é nela que cantam as árvores – num vento esquisito bem-estar acredita que ele vai para o céu – para bom entendedor meia palavra basta ‘Esperto demais Pirou’, escreveu Allen Ginsberg”. (KEROUAC, 1958, p. 58)

O uso de palavras desconexas está também ligado ao Jazz *Bebop*, que fora tendência entre jovens da geração da década de 50. Em muitos momentos de sua obra, o autor tenta reproduzir através de palavras os sons emitidos pelo ritmo do Jazz, para trazer ao leitor a impressão de estar ouvindo a música.

O estilo *Bebop* era conhecido pelo seu ritmo desenfreado, a irreverência, os solos improvisados e foi uma das grandes influências para o reverenciado *Rock’n’Roll* que conhecemos hoje. As publicações da cultura *beat* deram-se início em meados dos anos 50, poucos anos depois do lançamento de *Birth Of Cool* em 1950, do trompetista Miles Davis. O álbum de Davis revolucionou o estilo eloqüente do Jazz e foi influência para os jovens escritores da década. Com o título de “O nascimento do descolado”, o disco propunha uma nova estética para a música, solos, eloqüência e improviso, que impactou os escritores *beatnik*.

4. O poeta abatido

Willer (2009) relata que um dos sentidos atribuídos para o termo geração *beat* está relacionado à postura abatida em relação à sociedade americana. “Na época, o termo vinha sendo utilizado por Herbert Huncke, delinqüente, freqüentador daquele grupo, amigo de Ginsberg e Burroughs, que costumava exclamar “*Man, I am Beat*”, algo como “Cara, estou ferrado.”” (WILLER, 2009, p. 8).

Uma das principais características do movimento *beatnik* é a desilusão dos jovens americanos em relação à previsibilidade da vida tradicional, o que é a origem do comportamento delinqüente do grupo, é a busca pela imprevisibilidade e a aventura. O consumo de drogas e a antropofagia também são reflexos do abatimento e da falta de perspectiva.

O movimento em questão não foi um fator isolado que repercutiu por motivos aleatórios. Toda a conjuntura e a insatisfação da geração de jovens com as tradições de um estilo de vida trouxe uma expressão literária que acabou adotando uma narrativa enviesada e repleta de desconstrução. Havia um contexto que determinou toda essa oposição que veio a repercutir através da contracultura em diversas épocas e países. Canton (2009) ressalta os motivos aos quais levaram a atitude política dos escritores que adotam o enviesamento e a postura política adotada em geral pela cultura de resistência.

Esse despojamento liga-se a uma atitude política de reação não só aos exageros propostos pelo consumismo do American Way Of Life, que ganha força a partir do final da Segunda Guerra Mundial, mas também como reação à atuação norte-americana na Guerra do Vietnã (1954-75), que provocou muitas mortes e destruição (CANTON, 2009, p.19).

Segundo Pinto (2007) o rock alternativo da década seguinte também demonstrou essa insatisfação: “Um importante instrumento, muito utilizado pela juventude universitária e até pelos escritores e intelectuais da época foi a música, principalmente o rock. Ela refletia as crises da sociedade”. Em relação às letras de músicas de rock, o autor acrescenta: “O conteúdo verbal das canções de rock trazia rebeliões e protestos sociais.”

Os estilos musicais de contracultura e resistência que surgiram posteriormente ao *beat* se apropriaram, em sua maioria, dessa postura desiludida e autodestrutiva que os poetas possuíam. Exemplo disso é a morte de ídolos do rock como Jim Morrison, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Nick Drake e diversos outros músicos, causadas por overdose de drogas.

5. O poeta beato

Como citado anteriormente, algo característico da literatura *beat* é a presença de ponderações a respeito da existência, do conceito de sagrado e de outras questões religiosas.

Segundo relato de Allen Ginsberg, muitos poetas *beat* passavam horas ao dia escrevendo, a maioria delas sob efeito de drogas, as quais estão presentes em suas ponderações espirituais.

A partir da questão do que é divino, Allen Ginsberg cria o poema “Nota de rodapé para Uivo” em sua obra *Uivo*, de 1956. O poema reflete sua idéia do sagrado, assumindo que tudo e todos são sagrados, inclusive o próprio poeta *beat*.

Tudo é santo! Todos são santos! Todo lugar é santo! Todo dia é eternidade! Todo mundo é um anjo!

O vagabundo é tão santo quanto o serafim! O louco é tão santo quanto você minha alma é santa!

A máquina de escrever é santa o poema é santo a voz é santa os ouvintes são santos o êxtase é santo!

Santo Peter santo Allen santo Solomon santo Lucien santo Kerouac santo Hunke santo Burroughs santo Cassady santos os mendigos desconhecidos sofredores e fodidos santos os horrendos anjos humanos! (GINSBERG, 1956, p.47)

A valorização do poeta e da sua atividade criativa como algo divino fez com que os artistas considerados delinqüentes também se tornassem ícones culturais. Alguns anos depois o fenômeno se repete com o fanatismo por bandas de rock, que também envolvem idéias de espiritualidade e uma espécie de religiosidade em seus escritos.

Exemplo disso é o vocalista Jim Morrison, que em seu curto período de músico tratou de questões como a morte e o espiritualismo de uma forma que atingiu o público jovem. Com isso, causou também o efeito do fanatismo, tendo até os dias de hoje uma legião de fãs que crêem na divindade do cantor e poeta.

6. O satélite

O satélite Sputnik foi lançado pela União Soviética no dia 4 de outubro de 1957, mesmo ano em que Jack Kerouac lançou a obra *On the Road* e a literatura *Beat* alcançou o seu auge. De forma satírica, a mídia americana dos anos 50 adotou o termo *beatnik*, fazendo referência ao satélite. O intuito dessa comparação era retratar como o ideal de contracultura estava se proliferando de forma massificada.

Prova dessa mobilização foi a fuga de casa em massa entre os jovens americanos da época quando o livro *On the Road* obteve sucesso de vendas. A revolta é um reflexo do descontentamento da camada jovem da população.

Hobsbawm (1995) relata a revolução cultural que se tomou com a participação dos

jovens a partir de então. Os valores tradicionais familiares não eram mais tão concretos e surge então a imagem do jovem “herói”, o qual possuía autonomia como camada social (HOBSBAWM, 1995).

Na música, o mesmo fenômeno ocorreu na década seguinte, com o enorme sucesso de vendagens e de prestígio de bandas de rock como The Beatles e Rolling Stones, que receberam assumidas influências da cultura *beat*. O sucesso das bandas de rock no campo da música também foi um estrondo e segue, muitas vezes, a mesma linha de pensamento da contracultura literária.

7. Considerações Finais

A literatura *beat* surgiu como uma proposta de contracultura, uma cultura alternativa que não fosse baseada no erudito como a respeitada pela sociedade ou a cultura de consumo, que não trazia acréscimo intelectual.

Influenciados pelo Jazz e criando uma linha ideológica literária que foi seguida pela música alternativa, o movimento *beat* sempre esteve próximo da música, recebeu e cedeu muito a ela. “Poesia e música sempre caminharam juntas. Mas em nenhum momento literário da modernidade, ou desde o romantismo, a ligação foi tão íntima. A *beat* foi sonora.” (WILLER, 2009, p.13). A contribuição cultural da geração *beat* para a cultura contemporânea não foi só literária, mas trouxe uma nova forma de pensar, agir e criar que ajudou a moldar a contracultura de forma geral.

8. Referências Bibliográficas

BUENO, André; GÓES, Fred. **O que é a Geração Beat**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BUENO, Eduardo. **A longa e tortuosa estrada profética**. Prefácio da versão brasileira de On the Road. Porto Alegre. L&PM, 2004.

CANTON, Kátia. **Narrativas Enviesadas**. Coleção Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2009.

DYLAN, Bob. **Chronicles Volume One**. Simon & Schuster, 2004.

GINSBERG, Allen. **Uivo**. Porto Alegre. L&PM, 2ª ed., edição de 2006. 1956

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed., 1995.

KEROUAC, Jack. **On the road (Pé na Estrada)**. Porto Alegre. L&PM, edição de 2007. 1957

KEROUAC, Jack. **Geração Beat**. Porto Alegre. L&PM, edição de 2007. 1957

KEROUAC, Jack. **Os subterrâneos**. Porto Alegre. L&PM, edição de 1998. 1958

KEROUAC, Jack. **O livro dos sonhos**. Porto Alegre. L&PM, edição de 1998. 1960

PINTO, Alan T. D. A. **Lentes, Subversão e Rock**: a música e a contracultura dos anos 1960 e 1970 pela lente documentária do cinema direto. Uma análise dos filmes Don't Look Back, Monterey Pop, Woodstock e Gimme Shelter. Uni-BH: Belo Horizonte, 2007.

WILLER, Claudio. **O que é Beatnik**. Porto Alegre: L&PM, 2009.